

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

Sara Maria Saraiva

**Medo da violência e possíveis limitações entre
Docentes e discentes da EJA**

Porto alegre
2015/2

Sara Maria Saraiva

**Medo da violência e possíveis limitações entre
Docentes e discentes da EJA**

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação como requisito parcial e obrigatório para aprovação no Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia. Realizado sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Tania Beatriz Iwaszko Marques.

Porto Alegre
2015/2

Dedico este trabalho à minha família que me apoiou de todas as formas possíveis para que eu realizasse este trabalho de conclusão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu filho e nora; às minhas filhas e genros pelo apoio, ajuda e preocupações que a mim dedicaram durante este período.

Agradeço à minha orientadora Prof^a Dr^a Tania Beatriz Iwaszko Marques por sua respeitosa, amável e incansável disposição e paciência em me ajudar neste trabalho.

Agradeço à minha colega Lissane por estar sempre pronta para me ajudar.

Agradeço também às professoras e alunas da escola do meu estágio, que tão prontamente atenderam ao meu pedido no sentido de participarem da elaboração deste trabalho.

Agradeço aos meus amigos pelo encorajamento pelas palavras otimistas e por colocarem-se à disposição para o que eu viesse a precisar.

Muito aprendi com todos vocês, por isso muito obrigada!

“Medo, o que é o medo? Tenho tanto falado e ouvido sobre esta palavra nos últimos tempos que estou até sentindo um certo medo. Um certo medo não, muito medo, medo de não saber do que eu tenho medo, se é de mim ou do que me rodeia, se é o mal que eu faço ou do mal que possam me fazer, ou se enfim, se é do bem que fiz e me fizeram e nunca dei valor. Como diz Clarice Freire: - O meu medo pode existir sim, só não pode mandar em mim”. (Pedro da Silva, 2015).

RESUMO

Este trabalho tem como tema o medo na forma como se apresenta entre professores(as) e alunos(as) de uma escola pública de ensino fundamental, em turma de EJA, turno da noite. Teve como inspiração fatos observados neste espaço de educação entre docentes e discentes durante período de observações e práticas em sala de aula ao longo do primeiro semestre de 2015. Trata-se de pesquisa qualitativa, que tem como fonte de dados questionários e entrevistas realizadas com duas professoras e duas alunas desta escola, como também informações registradas em diário de campo do estágio curricular na mesma escola com turma de Totalidades 3. Foi escolhido Paulo Freire como fundamento teórico principal, por ter sido um professor que conviveu como o medo durante sua trajetória de educador e também por ser importante referência na EJA. O objetivo deste trabalho consiste em refletir se os medos mais evidentes, que fazem parte da vida escolar nesta instituição, poderiam estar limitando o desempenho de professores e aprendizado de alunos ou não. Analisando as respostas dos questionários e entrevistas foi possível confirmar que o medo, principalmente da violência, pode causar transtornos no trabalho dos docentes e no aprendizado dos discentes. Sendo esta uma pesquisa de pequeno alcance, fica a sugestão de outros estudos sob outros olhares, que poderão trazer conhecimentos e contribuições no sentido de atitudes pontuais como soluções para resguardo dos atores desses espaços de educação.

Palavras-chave. Educação de Jovens e Adultos. Medo. Alunos.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	08
2 REVISÃO TEÓRICA	11
2.1 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	11
2.2 MEDO E EDUCAÇÃO	13
3 METODOLOGIA DA PESQUISA	16
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS	19
4.1 SOBRE O DIÁRIO DE CAMPO	19
4.2 ANALISANDO RESPOSTAS	22
5 REFLEXÕES	32
REFERÊNCIAS	34
APÊNDICE	36

1 INTRODUÇÃO

É do conhecimento de todos que a educação enfrenta momento de crise na economia e na segurança. Alunas(os) estão descontentes com os rumos da educação e temem que isso possa prejudicar seu aprendizado, causando-lhes problemas em seu futuro profissional. Professores(as) também estão inseridos neste contexto de descontentamento, quando enfrentam baixos salários, falta de reconhecimento profissional, falta de interesse por parte de alunas(os), com a agravante das agressões de que se tem relatos, como conta a reportagem de Zero Hora de domingo dia 18 de outubro de 2015, intitulada “Profissão Persistência”:

A primeira impressão foi assustadora. Chamado para uma vaga de professor por contrato emergencial, Rodrigo Buchfink de Souza, na época com 20 anos, chegou a uma escola perto da Avenida Bento Gonçalves, em Porto Alegre, para estreiar na rede estadual. Era uma noite de terça-feira. Um colega deu o primeiro aviso: - “Cuidado. Os alunos, às vezes, vêm armados”. De um funcionário, Rodrigo ouviu: - “Eles podem arranhar o teu carro. Para arrumar, vai todo o teu salário”. – “[...]foi uma experiência lamentável, do início ao fim daquela noite”, disse Rodrigo. Antes de ir embora, já decidido em não voltar àquela sala, foi indagado por uma aluna: - “Sôr, o senhor também vai viajar e nos deixar aqui?”

O professor anterior de física só havia ficado uma semana. - “[...] mas tive de pensar no que era melhor para mim. No outro dia, já pedi para sair”. (MARTINS, 2015, P 27)

Na mesma reportagem consta que em entrevista, o Secretário Estadual de Educação reconhece a precariedade das escolas, culpa o governo federal pela atual crise na educação e promete fazer o possível para solucionar esta situação. Dentro de conjunturas semelhantes, durante o estágio docente do curso de Pedagogia, realizado em escola pública em 2015, na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA), foi possível observar e conviver por algum tempo com dificuldades decorrentes da violência fora e dentro da escola como também no entorno das moradias dos alunos(as).

Também pode-se ler no site do Bol Notícias a reportagem que conta fato ocorrido em Mogi das Cruzes, São Paulo, que envolve violência de aluna de dezesseis anos contra a professora Ana Paula Lemos Fernando Bonomo de Aquino de quarenta e um anos, em contrato emergencial na Escola Estadual Pedro Malozze. Aconteceu pela manhã em turma de primeiro ano do ensino médio.

São palavras da professora: -"Tomei tanto soco que nem sei ao certo quantos foram. Acho que uns 15. Meus alunos presenciaram tudo. Eu nunca apanhei tanto na minha vida. Estou bem traumatizada, não sei se consigo entrar em uma sala de aula de novo".

A aluna foi suspensa das aulas, foi feita ocorrência policial e ela vai responder pelo agravo.

Esta notícia também foi divulgada na mídia televisiva alguns dias após.

Ficou evidente a forma como presenciar situações de violência ou de perigo pode provocar grande medo em várias pessoas e conforme a repetição dessas experiências, este sentimento pode ficar forte e limitador. Por isso surgiu a pergunta: Como o medo afeta o desempenho de professores(as) e alunas(os) da EJA de acordo com suas próprias perspectivas?

Estas realidades fizeram com que houvesse um questionamento sobre o quanto os medos constantemente presentes e resultantes das situações conflitantes ali vivenciadas podem causar limitações ao trabalho de professores(as) e ao aprendizado de alunos(as) que frequentam o espaço escolar da EJA no turno da noite. Tais vivências instigam a uma investigação sobre o tema, com análise de sentimentos, visões, motivações e desânimos que povoam o cotidiano dos frequentadores da escola onde foi realizado o trabalho.

Não falta também certa pretensão de, além do conhecimento que este estudo poderá proporcionar, também colocar algumas questões a serem investigadas no futuro e assim contribuir para possíveis soluções para tantos dilemas.

Foram utilizadas entrevistas e questionários como instrumentos para a coleta de dados. Outras informações foram obtidas em anotações no diário de campo produzido ao longo do estágio curricular.

O objetivo deste trabalho consistiu em refletir sobre limitações possivelmente causadas por situações de riscos e outras, que causam medo e que fazem parte da vida escolar nesta instituição. E a partir de tal reflexão é possível que surjam mais discussões sobre as condições que podem estar limitando o desempenho de professores(as) e o aprendizado de estudantes. A ideia também é a possibilidade de ajudar na compreensão das barreiras causadas por tal sentimento, no progresso da educação de adultos e adolescentes, trazendo alguma contribuição para possíveis soluções.

A hipótese que guia este trabalho é a de que o medo da violência e outros medos podem atrapalhar o desempenho pedagógico de professores(as) da EJA desta escola, assim como o aprendizado de seus alunos(as).

Este trabalho está apresentado em cinco capítulos, quatro subcapítulos e um apêndice. No próximo capítulo estão disponibilizadas informações sobre a revisão teórica

2 REVISÃO TEÓRICA

A revisão teórica será constituída de dois tópicos, sendo um deles sobre a EJA e outro sobre o medo e suas relações com o ensino e a aprendizagem.

2.1 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Para melhor compreensão da educação para jovens e adultos é interessante que se analise um pouco da sua história. Em Haddad (1978), encontra-se que esta modalidade de ensino não surgiu em tempos atuais. Já no tempo dos jesuítas, no Brasil imperial, houve ações educativas para adultos, conforme revelam estudos sobre o assunto, embora a educação fosse direcionada principalmente para as crianças de classes sociais privilegiadas.

Ainda Haddad (1978) explica que somente na Constituição de 1934 foi criado o Plano Nacional de Educação (PNE), delegando a educação estadual e municipal ao governo federal, reafirmando a educação como um direito para todos e extensivo aos adultos. Em 1942 foi regulamentado um plano de ensino supletivo destinado a adolescentes e adultos analfabetos. Em 1947 foi instalado o Serviço de Educação de Adultos (SEA), então se instalou no país a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos. Depois duas outras campanhas: em 1952, a Campanha Nacional de Educação Rural e, em 1958, a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo.

De acordo com informações encontradas em artigo de Strelhow (2010), em 1958, foi realizado o II Congresso Nacional de Educação de Adultos no Rio de Janeiro, quando iniciou a ideia de novo método pedagógico para educação de adultos. Naquela época, Paulo Freire propôs a Educação Libertária, que levaria em conta o conhecimento prévio dos trabalhadores. Após o golpe de 64, houve mudanças tanto no panorama político como na

educação do Brasil. A educação nas mãos de governos autoritários precisava servir tanto ao domínio do Estado como a necessidade de melhorar o nível de desenvolvimento do país. Então criaram o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), em 1967, e depois o Ensino Supletivo, em 1971, com a Lei Federal nº 5692.

Também se encontra na Wikipédia (2015) que em 1974 foi implantado Centro de Estudos Supletivos (CES). Em 1989 surgiu em São Paulo o Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos (MOVA), durante a gestão de Paulo Freire na Secretaria Municipal de Educação da capital, que inspirou o Projeto MOVA Brasil de 2003.¹

Pode-se ler no artigo de Mezacasa *et al* (2013) que em 2005 foi criado o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA), pelo Decreto Federal nº 5.478, sendo substituído pelo Decreto nº 5.840 em 2006. Continuando, que em 2009, no interior do Rio Grande do Sul, iniciaram turmas do PROEJA com Formação Inicial e Continuada (FIC) (Nível Fundamental). Esta modalidade de ensino é voltada para a capacitação dos trabalhadores para atuar nestas regiões visando melhorar a qualidade de vida deles e de suas famílias.

A EJA é garantida pela lei a todos os brasileiros jovens e adultos que não puderam estudar na idade considerada certa, conforme vemos na LDB 9394/96:

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

§ 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas,

¹ WIKIPÉDIA. *Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos*. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Movimento_de_Alfabetiza%C3%A7%C3%A3o_de_Jovens_e_Adultos> Acesso em 26/10/2015.

consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames².

§ 2º O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si. (BRASIL, 1996)

O Art. 37, além de orientar sobre como a EJA deve ser oferecida à população, traduz o conceito que conhecemos desta modalidade da educação, quando reforça que a EJA é oferecida ao público que não teve oportunidade de estudar na infância, por razões de variadas naturezas. Também coloca que deve ser oferecida considerando as características dos alunos, seus interesses, vida e trabalho. Assim, entende-se que inclui respeito à sua dignidade, vivências e conhecimentos adquiridos anteriormente.

2.2. MEDO E EDUCAÇÃO

Procurando o significado do medo no dicionário Aurélio, encontramos:

- 1- Estado emocional resultante da consciência de perigo ou de ameaça, reais, hipotéticos ou imaginários.
- 2- Ausência de coragem.
- 3- Preocupação com determinado fato ou com determinada possibilidade³.

O autor apresentado neste trabalho como principal referencial teórico é Paulo Freire, criador da Educação Libertária para alfabetizar adultos, que o levou a ser perseguido pela ditadura militar iniciada em 1964. Para fugir do “regime de ferro” foi para o exílio onde permaneceu por dezesseis anos. Sua obra teve início no Recife da década de 1950, quando participou do Movimento de Cultura Popular do Recife e criou os Círculos Culturais. Nesta

² BRASIL. *LDB*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm> Acesso em 03/11/2015.

³ Algumas definições do medo encontradas em consulta ao Dicionário Aurélio *on line*. Acesso em 09/11/2015.

época formou um grupo de trabalho e em Angicos, Rio Grande do Norte e conseguiu alfabetizar 300 pessoas em 45 dias. Seu trabalho foi referência em todo o mundo o que lhe conferiu o título de Patrono da Educação Brasileira.⁴

Em *Pedagogia do Oprimido* (1968), obra escrita no seu exílio no Chile, Freire aborda a opressão social, que ainda hoje predomina na nossa sociedade. Tem como ideia principal uma educação libertária, dialógica, que nos faz compreender a importância da ação reflexiva e crítica de uma educação que aproxime alunos e professores, tendo como principal proposta educação anti autoritária, onde professores e alunos ensinam e aprendem juntos, num diálogo permanente.

Também em *Pedagogia da Autonomia* (2013), Freire defende o respeito à dignidade e autonomia do aluno, numa educação crítica e libertária. Dá a entender que o principal é a formação e atuação dos professores voltados para questões indispensáveis para a educação libertadora, enfatizando que educar não é só treinar para o trabalho, mas também é formar a pessoa para a vida.

Em *Medo e Ousadia* (1986), lê-se diálogo entre Paulo Freire e Iran Shor, educador dos Estados Unidos, no qual abordam sobre os temores, riscos e recompensas, tanto para educadores como para educandos, da mudança da educação tradicional para a educação libertadora.

Também foi encontrada sustentação para a elaboração desta pesquisa em conhecimentos adquiridos por professores e professoras durante suas experiências no Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica, na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos com Formação Inicial e Continuada (PROEJA FIC), em algumas cidades do interior do Rio Grande do Sul. Esses professores relataram seus trabalhos em artigos organizados por Kelen Rigo e Fernanda Zorzi (2013).

⁴ WIKIPÉDIA. *Método Paulo Freire*. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%A9todo_Paulo_Freire>. Acesso em 15/11/2015.

Eleonora M. Ferronato Mezacasa *et al* (2013), traz em seu artigo importantes informações históricas sobre o programa no qual trabalha e relata experiências em sala de aula com jovens e adultos da EJA e PROEJA FIC. Sua ideia principal é verificar os motivos que causam intolerância entre alunos(as) de faixas etárias diferentes, fato observado no cotidiano em sala de aula.

Maria Zanella *et al* (2013) tratam de causas possíveis para a evasão escolar em determinado período, na turma do PROEJA FIC, em escola municipal de Capão da Canoa (RS). Para isso utilizam as opiniões de alguns alunos(as) através de suas falas e apresentam possíveis causas encontradas para o problema e algumas sugestões possíveis.

Angela F.S. Gomes *et al* (2013) investigam fatores da vulnerabilidade social que podem ser considerados causa da evasão escolar na escola por elas pesquisada. Não refere medos como causas de evasão escolar, mas aborda assunto importante como a vulnerabilidade social, que também pode ser elemento significativo nas situações que causam medo.

Esses teóricos e teóricas contribuíram de alguma forma para reforçar, confirmar ou esclarecer ideias que surgiram durante a elaboração desta pesquisa.

A seguir, encontra-se a metodologia utilizada para a construção deste trabalho.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

Esta pesquisa, de caráter qualitativo, teve como objetivo investigar a possibilidade de o medo estar influenciando ou não o ensino e a aprendizagem de frequentadores da EJA do turno da noite em escola pública da região norte de Porto Alegre. Utilizamos como fontes de dados questionário, entrevista e consultas ao diário de campo.

Optamos pelo envio eletrônico dos questionários às professoras por estas disporem de pouco tempo. As respostas retornaram à pesquisadora pela mesma via.

As entrevistas foram realizadas com as alunas, pois, devido a suas limitações na leitura e escrita, ficou considerada mais acessível a elas esta prática de coleta de dados. Foi solicitada a ambas a assinatura em termo de concordância, cujo modelo se encontra em anexo neste trabalho. Uma das alunas escolheu que a entrevista acontecesse na casa da entrevistadora e a outra preferiu o próprio lar. As duas entrevistas tiveram o tempo de uma a duas horas. Foram gravadas e depois transcritas pela própria pesquisadora.

A consulta ao diário de campo ajudou a relacionar fatos e conclusões adquiridos durante período de estágio na mesma instituição.

A entrevista, realizada com duas alunas, iniciou com uma motivação prévia, enfatizando o quanto sua participação seria importante para a elaboração do trabalho e explicando que é uma pesquisa sobre os medos que povoam as pessoas que frequentam a escola, tanto professores, alunos como funcionários, principalmente do noturno, da EJA. Também foi elucidado que esta pesquisa pode ser útil para futuros estudos sobre o assunto. A seguir são apresentadas as questões, que foram feitas como conversa informal:

Roteiro da entrevista:

- Pode dizer seu nome?
- Idade:
- Nível escolar:
- Já sentiu medo na escola?
- Poderia descrever a situação que lhe causou medo?
- Este sentimento volta a importuná-lo alguma vez? Quando?
- Algum colega já parou de estudar por medo?
- Nota que professores(as) também têm medo?
- Já notou que este medo deles(as) atrapalhou que dessem uma boa aula?
- Como faz para vir para a escola mesmo com medo?
- Vê alguma relação entre o medo e o seu rendimento escolar?
- Tem alguma mensagem para os professores(as) e colegas sobre o medo?
- Teria uma sugestão que pelo menos amenizasse os medos que existem entre os professores(as) e colegas da escola?

Não foi solicitada assinatura em termo de concordância às professoras, porque suas colaborações foram feitas através de email, que por si só é considerado como tal. O mesmo procedimento adotado para as entrevistas aconteceu com os questionários. Foi feita motivação prévia, enfatizando o quanto sua participação é importante para a elaboração do trabalho que é uma pesquisa sobre os medos que povoam as pessoas que frequentam a escola e que esta pesquisa pode ser útil para futuros estudos sobre o assunto.

Questionário:

- 1) Qual sua formação? Qual o cargo que exerce na instituição?
- 2) Quanto tempo tem de serviço? E qual o tempo de serviço na instituição?
- 3) Defina o medo com poucas palavras.
- 4) Do que você tem mais medo?
- 5) Já sentiu medo que interferiu em suas decisões de trabalhar, estudar, ir e vir?
- 6) Você teria uma sugestão para amenizar o medo que às vezes alunos(as) e professores(as) sentem?
- 7) O que pensa sobre as relações entre o medo e a aprendizagem ou a não aprendizagem de alunos(as) de EJA?
- 8) No seu ponto de vista, em que grau seu medo e o medo de seus alunos(as) chegam a impedir ou atrapalhar o andamento de seus projetos pedagógicos?
- 9) Na sua opinião, qual dos seus medos é o mais recorrente e possa talvez estar atrapalhando suas ações pedagógicas junto a seus alunos e alunas?

Este questionário foi enviado por email para as duas professoras que concordaram em participar. Após responderem as questões, devolveram à pesquisadora também por email.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Aqui serão apresentados e analisados dados obtidos através de questionários com duas professoras e entrevistas com duas alunas, bem como dados obtidos por meio de anotações registradas no diário de campo ao longo do estágio obrigatório do curso de Pedagogia, no semestre 2015/1, em uma turma de EJA, em escola pública, localizada em Porto Alegre.

4.1 SOBRE O DIÁRIO DE CAMPO

Durante o período de estágio, que ocorreu numa escola pública em bairro periférico de Porto Alegre, foi observada a problemática dos medos que parecem assombrar o cotidiano de educadores e educandos(as) da escola. Medo de ir para a escola e voltar para casa no final do período, avançar Totalidades⁵ e errar em suas tarefas escolares são os principais medos observados nestes(as) alunos(as) do turno da noite.

Foi interessante constatar que alguns superam seus medos, outros não. E quem consegue controlar este sentimento transforma o risco em desafio, alcançando uma vitória que, por isso, transforma-se em gratificação. Mas quando o(a) aluno(a) não consegue impor-se ao medo é vencido(a) por ele e pode acabar desistindo da escola, entrando para a estatística da evasão escolar na EJA.

Algumas situações explicaram a recorrência do medo da violência muito presente entre as pessoas daquela escola: agressões de alunos(as) contra colegas e professores(as), toques de recolher partindo de gangues do

⁵ Totalidades do Conhecimento conforme Corrêa (2009) são etapas do ensino fundamental adotadas pela Secretaria Municipal da Educação de Porto Alegre/RS (SMED), que substituem a seriação tradicional.

tráfico de entorpecentes da região do entorno da escola e das moradias de alunos(as), assaltos e assassinatos.

Essas constatações vieram a inspirar a elaboração desta pesquisa, tentando assim analisar as consequências dos sentimentos que acompanham vários protagonistas deste espaço escolar bem como elaborar um enfoque sobre suas visões e opiniões dos fatos que presenciam em seus cotidianos.

Durante o período de estágio, observou-se que professores(as) entraram em licença devido a agressões. Outros(as) por medo não se impõem dentro da sala de aula. Também foi dito que alunos e alunas param de vir à escola alegando motivo de medo da insegurança e que alguns retornam pouco tempo depois enquanto que outros não.

Foi observado que, quando os cancelamentos das aulas por causa da segurança ficavam mais frequentes, a evasão escolar de alguns educandos(as) tornava-se mais recorrente. A professora titular da turma comentou que, em anos anteriores, dos quinze frequentadores, apenas cinco não se intimidavam com a situação de insegurança e continuavam a vir às aulas.

Neste sentido, no momento que os professores percebem que seus alunos começam a evadir, devido a fatores externos como violência, uso de drogas e abandono social, eles deveriam se articular com os demais professores e comunidade escolar com o objetivo de apresentar propostas inovadoras, que atraiam os alunos para dentro da escola (GOMES *et al*, 2013, p. 167).

No entanto, foi constatado que atitude semelhante à mencionada por Gomes tem sido colocada em prática na escola em questão. Quando acontece um conflito que gere agressão dentro da escola, professores(as) realizam reuniões para discutir e tomar decisões sobre atitudes pontuais com relação ao ocorrido. Mas a evasão continua acontecendo, pois o problema dos alunos e alunas é o medo do risco recorrente e constantemente presente no entorno da escola e de suas moradias. Não demonstram descontentamento com a escola, mas sim o receio de sofrer uma “bala

perdida”, assaltos e agressões físicas. Alguns educandos(as) e educadores relataram suas experiências e vivências nestas situações de perigo. Estes relatos eram carregados de nervosismo e exacerbação nas palavras e gestos, deixando evidente a tensão presente em seus sentimentos.

Foi observado que em reuniões de professores, onde essas adversidades eram tratadas e decisões democraticamente adotadas, mas sem a presença de alunos e funcionários. Talvez tenham sido perdidas oportunidades de abordagens e sugestões importantes desses segmentos da comunidade escolar, afinal, sendo moradores da região e conhecedores das situações de risco, possivelmente teriam sugestões resolutivas para a questão.

Mesmo com estas limitações relacionadas às agressões, foi observado que desenvolveram um belo trabalho relacionado à prevenção da violência e combate às drogas que foi apresentado na ocasião do encerramento do semestre, com a efetiva participação da maioria dos alunos e alunas da alfabetização. Não todos, visto que alguns desistiram e outros não quiseram fazer parte do trabalho. Mas se pode afirmar que:

A convivência diária com os colegas, professores e com o ambiente escolar causou uma mudança de características psicológicas, da autoestima, de aspirações, da valorização do ser humano, da busca por uma vida melhor e por defesa e seus direitos (ZANELLA *et al*, 2013, p. 220).

Por isso, não se pode deixar de imaginar o quanto mais poderiam ter realizado em circunstâncias não tão adversas. Conforme constatado durante período de observações e estágio, alguns alunos necessitam da companhia de colegas que moram próximo de suas residências para se sentirem protegidos durante o deslocamento de retorno às suas moradias. Quando um desses colegas não tem mais aula, precisa ficar esperando até o final do período para então encontrar a pessoa que irá acompanhá-lo até a sua casa. Quando vários alunos que têm essa rotina ficam sem aula, alguns se submetem a sair mais cedo, perdendo assim os conteúdos ministrados, com o objetivo de garantir a segurança inspirada na presença dos demais colegas

no momento do retorno ao lar. Isso porque consideram importante, em razão da insegurança e do medo, voltarem em grupo para casa após as 22 horas.

Alguns estudantes de totalidades mais avançadas relataram que professores entravam e saíam da aula com cabeça baixa, enquanto alguns alunos debochavam e diziam palavrões a que os mestres não reagem. Pelo episódio que aconteceu em ano anterior, de um professor haver sido agredido na cabeça por um aluno com uso de um tijolo, resultando em sequelas que lhe impossibilitou retorno às aulas, os demais professores e professoras pareciam recear que o triste fato voltasse a acontecer, preferindo ignorar tais desrespeitos. Isso não os torna menos competentes, como lemos em Paulo Freire:

Essa compreensão do medo não é uma coisa que me diminui, mas que me faz reconhecer que sou um ser humano. Esse reconhecimento chama minha atenção no sentido de estabelecer limites quando o medo me diz que não devo fazer isto ou aquilo. Está claro? Tenho que estabelecer os limites do meu medo (FREIRE, 1996, p. 71).

Parece difícil considerar que estes docentes e discentes estão em condições de desenvolver um excelente trabalho e aprendizado diante de condições tão conflitantes e desanimadoras que exigem constantes cuidados e precauções em prol da segurança.

O medo que está evidente dentro desta escola, e quem sabe também em outras escolas em outras localidades, parece não ser um elemento visível, divulgado, amplamente comentado, e nem analisado visando tentativas de resolver ou amenizar suas consequências. Houve dificuldade em encontrar trabalhos e literaturas que fundamentem este estudo.

Há quem diga que o medo reinante na escola ficaria solucionado com o fim da violência. Mas este parece ser um problema muito amplo e complicado, talvez só possível de resolver a longo prazo, e, principalmente, é de competência da Segurança Pública.

4.2 ANALISANDO RESPOSTAS

As pessoas descritas abaixo foram escolhidas para participar deste trabalho por terem se disponibilizado anteriormente e por terem respondido prontamente ao convite.

Uma das alunas, de 47 anos de idade, aqui designada como aluna Empatia⁶, conta haver estudado da primeira série até seus dez anos. Não soube dizer até que série estudou, mas que retomou seus estudos em março de 2015 nesta escola. A outra aluna tem 48 anos, aqui está designada como Lealdade e contou ter estudado até a terceira série, quando criança. Voltou pelo Mobral já adolescente e estudou até a quarta série quando parou para casar. Retornou também em março de 2015.

A entrevista com Empatia foi realizada na residência da entrevistadora, por conveniência de ambas. A aluna Lealdade, por sua vez, foi entrevistada em sua própria casa. Estas eram alunas de Totalidades 3⁷ e ao final do semestre progrediram para Totalidades 4⁸.

Uma das docentes, que aqui está designada como professora Gentileza, atua como docente há 14 anos e a outra professora, designada como Amizade, atua há 24 anos. Os questionários foram enviados por email para elas que, após responderem, devolveram também por email.

Chamou atenção esta resposta da professora Gentileza, que refere a sua definição de medo:

Medo é um sentimento que nos paralisa e nos faz pensar sobre o que faremos. Ele nos paralisa, o que pode ser momentâneo ou duradouro (Professora Gentileza).

⁶ Os nomes das alunas e professoras são fictícios por respeito a elas e para garantir sigilo.

⁷ T1, T2 E T3 são Totalidades iniciais que equivalem ao período de alfabetização.

⁸ T4, T5 e T6 são Totalidades finais que equivalem ao período complementar à alfabetização.

Já foi mencionada definição de medo pelo dicionário, mas esta definição apresentada pela professora Gentileza está mais adequada para os medos que povoam o cotidiano dos frequentadores da escola estudada, causando inquietação e insegurança. Em alguns alunos, essa ansiedade pode levar a parar de estudar, resultando em evasão escolar. Paulo Freire questiona esta perspectiva:

Antes de mais nada, reconhecemos que é normal sentir medo. Sentir medo é uma manifestação de que estamos vivos. Não tenho que esconder meus temores. Mas, o que não posso permitir é que meu medo seja injustificado, e que me imobilize. [...] e o medo pode ser paralisante. [...] Entretanto, devo estabelecer os limites para “cultivar” o meu medo. Cultivá-lo significa aceitá-lo (FREIRE, 1996, p. 70).

A seguir serão apresentadas respostas de professoras e alunas para melhor compreensão da questão inicial deste trabalho, que se refere à possibilidade ou não de o medo trazer prejuízos aos seus desempenhos na instituição analisada. À pergunta sobre o que mais lhes causou medo responderam:

Sim, porque na vinda da escola pra casa [...] muitas vezes a gente é abordada por esses marginais [...] querem abordar pra fazer assalto, roubar, tirar a vida da pessoa. É isso que tenho medo. Me dá mais medo é isso. Perder a vida na rua (Aluna Empatia).

Sim, o medo que eu tive foi de colegas que fiquei sabendo que são pequenos infratores, que estão respondendo e tiveram atrito muito grande dentro da sala de aula com os professores (Aluna Lealdade).

Com certeza, medo de ser mal interpretada numa ação pensada para ajudar, fazendo com que eu não agisse como gostaria (Professora Gentileza).

De que alguma coisa ruim aconteça com meus dois filhos. Sempre peço que se algo ruim tiver que acontecer que seja comigo, nunca com meus filhos (Professora Amizade).

Os medos referidos são diferentes. A Aluna Empatia falou de seu medo da violência na rua, a Aluna Lealdade demonstra que sente medo dos atritos que, segundo ela, têm acontecido em aula por parte de alguns alunos cumpridores de medidas. A Professora Gentileza explica que seu medo de ser mal interpretada pode limitar suas ações planejadas, e, por fim, a Professora Amizade afirma que seu maior medo é relacionado com a segurança de sua família. Porém, mesmo com as diferenças observadas nesses relatos, esses medos podem provocar inquietações e descontentamentos nos frequentadores da escola.

Ao perguntar sobre a relação medo e aprendizagem ou não aprendizagem, foram obtidas as seguintes respostas:

Sim, porque daí o que acontece é que a gente fica naquela aflição. Eu fiquei uma semana sem ir à aula pensando, refletindo sobre o medo e se realmente vale a pena continuar dentro duma sala de aula com colegas assim (Aluna Lealdade).

É muito forte a insegurança, o medo de ser incapaz faz com que muitos tenham mais dificuldade em aprender, evoluir. A ideia de que são incapazes está internalizada em muitos alunos da EJA; uma história de fracassos faz com que tenham medo de fracassar mais uma vez (Professora Gentileza).

Parei porque senti algo que não tava sentindo bem de ir à escola porque a gente não sabe o que virá depois ou deixará de vir. Tem vez que, sinceramente, entrava em depressão, porque vir sozinha da rua pensei assim: poxa, uma hora a gente está entrando em casa, a gente não sabe quem vem atrás. Esses tempos o rapaz que mataram ali, recém eu tinha entrado no pátio, é que eu cheguei da escola eram dez horas, dez e meio, vinte pras onze por aí, não demorou muito mataram o rapaz na esquina de casa. Meu maior medo é esse, estar chegando em casa e receber um tiro, que não diz respeito a ninguém (Aluna Empatia).

Atrapalha muito. Nossos alunos vivem cercados pela violência. Não há como se sentirem seguros. O medo impera (Professora Amizade).

Pelas respostas acima, se pode constatar que houve concordância no fato de que o medo que os assombra possa estar influenciando de modo negativo sua frequência à escola, suas aprendizagens como também seu entusiasmo em viver. Alguns alunos não conseguem estabelecer limites para seus medos, como afirma Freire (1996, p 69), permitindo que este sentimento cresça a ponto de parar seus estudos com que tanto sonhavam.

Sobre o desempenho dos professores e alunos, as respostas das professoras diferem um pouco das respostas das alunas, conforme se lê abaixo:

Acredito que, na maioria das vezes, consigo refletir sobre o meu medo, fazendo com que eu consiga superar a ponto de não atrapalhar muito. Já quanto ao medo dos alunos, é bem mais complicado. Tento me colocar no lugar deles para compreender o medo deles, porém alguns são extremamente “fechados” no que se refere a isso, necessitando de atendimento individualizado sempre (Professora Gentileza).

Na escola onde trabalho sinto-me segura, apesar de tudo o que tem acontecido. Não tenho medo e, até hoje, pelo menos, nunca tive. Assim como eu, existem alunos que não têm medo (professora Amizade).

Nota-se que as professoras parecem não reconhecer que seus medos possam ser notados pelos alunos, na forma de alguma interferência em suas aulas. Já as alunas, citadas abaixo, demonstram ideia contrária em seus relatos:

Sim, eles sentem. Alguns não. Alguns sentem medo que chegam a trocar o trabalho deles que eles aprendem nessas casas de passagem. Os alunos chegam a trocar com alguns professores, para os professores darem aula para eles. É uma maneira de amenizar um pouco a situação dentro da sala de aula, pelo medo que os professores têm, pra chegar a hora que termine numa vez o período. Para aquele professor de certo sair de dentro da sala

de aula pensando: “Ai que bom, terminei, passou. Vai entrar o outro professor, agora!” (Aluna Lealdade).

Ora, nunca atrapalhou que todas as aulas quando eles vêm eles dão aula normalmente. Mas se eles não vêm, eles avisam a professora que não vão vir, por tal coisa... só que eles não dizem porque é que aquele professor não vem. Mas é assim o sigilo entre eles, professores. Então, eles não comentam. [...] como eles mesmos uma vez disseram: “muitas vezes a gente poderá vir meio assustado, nós poderemos estar assustados, mas não é com vocês, problemas que nós passamos em nossas casas, não temos que dividir com vocês, é com nós mesmos (Aluna Empatia).

Essas alunas supõem que os professores sentem medo da violência que pode ocorrer dentro da sala de aula e que, para evitar conflitos, essas educadoras mudam seus planos de aula deixando, na opinião dessas alunas, de disponibilizar os conhecimentos de sua disciplina, para disponibilizar conhecimentos trazidos por alguns educandos (como dito pela aluna Lealdade em seu relato), para que fiquem calmos em sua aula, não causando problemas.

No entanto, a aluna Empatia insinua que alguns professores sentem medo, mas não admitem isso, portanto tentam disfarçar para não demonstrar o que lhes aflige. Na resposta da professora Gentileza transparece uma tênue incerteza quanto a que sua atuação não seja influenciada por seus medos, já a professora Amizade é categórica em sua negação a esta questão. Paulo Freire comenta sobre essa questão em seus escritos:

Claro que não preciso fazer discursos públicos sobre o meu medo. Mas não preciso racionalizá-lo e não devo negá-lo, dar-lhe outro nome e dar a impressão de que não estou com medo. No momento em que você começa a racionalizar seu medo, você começa a negar seu sonho (FREIRE, 1996, p. 70).

Entende-se que, se professores conversarem com os alunos sobre seus medos, colocar-se-ão junto a eles, conquistando seus afetos e confiança, o que pode contribuir para a permanência deles na escola. O que está de acordo com Paulo Freire:

Porque não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? (FREIRE, 2013, p. 165).

Igualmente, pode-se supor que, ao promover trocas de experiências com alunos(as) em debates com o grupo sobre suas realidades, poderia haver fortalecimento de suas emoções e ainda poderiam surgir novas estratégias para possibilitar a que percorram seus trajetos casa/escola e vice-versa com mais tranquilidade.

É possível verificar, ao ler os relatos descritos até aqui, que os motivos da insegurança dessas pessoas, que frequentam a escola no turno da noite, variam entre medo da violência dentro da escola, fora da escola, fracasso nas atividades escolares concomitantes com medos pessoais, conforme relato da professora Amizade.

Ao serem questionadas sobre se o medo influencia seu trabalho e estudo, as respostas foram:

O medo de intimidar ou gerar mais insegurança nos alunos. Procuro ter muito cuidado nas intervenções que faço junto a eles para que não se sintam expostos (Professora Gentileza).

Pela fala da professora Gentileza, o trabalho dela é preparado com a preocupação de não deixar os alunos mais temerosos, já que não se trata somente do medo da violência, mas sim também de outros medos como: não serem aceitos pelos colegas, não aprenderem, não serem capazes de fazerem as atividades propostas, serem motivo de riso. São medos que também podem atormentar estes educandos(as).

Os que têm medo sofrem e esse medo interfere, porque eles deixam de comparecer às aulas ou ficam angustiados, querendo sair mais cedo (Professora Amizade).

Nesta fala, professora Amizade afirma que realmente existe a interferência do medo nos estudos de alunas e alunos frequentadores.

Quando a aluna Lealdade foi entrevistada, já havia dito que há uma semana não ia à escola, por motivo de haver presenciado conflito entre colegas e professor dentro da sala de aula. Afirmou que fez esta pausa para pensar se continuaria ou não seus estudos, falando assim:

Aí fiquei pensando, será que vale a pena eu continuar? (Aluna Lealdade)

Felizmente, depois ela afirmou que vai continuar indo à escola, mas não garantiu até quando.

Também quando passei pra sala T4, achei as matérias mais pesadas, são mais rigorosas... Na escola, eu tinha um pouco de medo de não aprender aquela matéria. Veio a professora e disse pra mim: “não para, não para de estudar, que tu tens condições de aprender”. Mas a vergonha traz tudo na vida da gente... Vergonha de perguntar pra professora... (Aluna Empatia).

A aluna Empatia deixa transparecer em suas respostas que seus medos são da violência, de não aprender e vergonha de perguntar. Durante estágio na turma T3, foi observado que esta aluna participativa e respondia bem aos exercícios propostos em aula. Teve um bom aproveitamento e, por isso, recebeu avanço para T4. Durante esta entrevista, falou que não vai às aulas há um mês e não pretende voltar.

Os relatos acima demonstram que os medos podem estar influenciando de forma negativa os estudos destes alunos, que não foram os únicos a pararem seus estudos, conforme comentários destas alunas e conforme outras desistências observadas durante estágio em sala de aula na escola. Mas, para determinar uma porcentagem relacionada a esta evasão, seria necessária outra pesquisa mais abrangente e por um período de tempo maior.

Diante da questão sobre sugestões para amenizar o medo pelo menos no que diz respeito à violência, algumas respostas destas professoras e alunas podem ser consideradas para reflexões:

É um sentimento muito único. Individual. Depende de cada pessoa. Difícil de ajudar quem tem medo (Professora Amizade).

A professora Amizade sugere que o medo, por ser sentimento subjetivo, pode ficar complicado ajudar a superar, mas não é impossível. Apenas difícil.

Acredito que a melhor forma de amenizar o medo é através do diálogo e criando vínculos entre professores e alunos, o que gera uma relação de confiança (Professora Gentileza).

O que esta professora sugere está em conformidade com Paulo Freire: “Ao fundar-se no amor, na humildade, na fé nos homens, o diálogo se faz uma relação horizontal, em que a *confiança* de um polo no outro é consequência óbvia.” (FREIRE, 1987, p. 46). Existe um caminho para se trilhar no sentido de ajudar pelo menos a superar o sentimento que em alguns alunos está escondido e em outros aflora em seus pensamentos, sentimentos, comportamentos, expressões e linguagens, este caminho é através do diálogo.

Tem coisa que poderia melhorar. Se voltasse o laboratório de informática para essa gurizada. É o que eles mais gostam. Também poderia ter mais vigilantes dentro da escola, só tem um. Só tem uma câmera de vigilância na entrada, é pouco (Aluna Lealdade).

Durante o período do estágio foi comentado por professora que a escola dispunha de um laboratório de informática, que estaria desativado por falta de manutenção dos computadores e por falta de professor especializado para monitorar os trabalhos com alunos.

A única mensagem que eu tenho para os professores é que eles tenham mais cuidado com as palavras dentro da sala de aula. A gente vê a pessoa, mas não vê o que tem dentro dela.
Também a escola precisa de mais guardas dentro e fora da escola.
Também trocar a janta da entrada para um lanche no recreio, para daí soltar mais cedo (Aluna Empatia).

A aluna Empatia concorda com a aluna Lealdade no que diz respeito à falta de mais profissionais da segurança na escola. Menciona também que professores deveriam ser mais cautelosos quando falam com os alunos e sugere horário de saída antecipado. Vi durante o estágio que algumas alunas saíam vinte minutos antes do horário do término da aula, para não perder o ônibus das vinte e duas horas. Esta saída mais cedo também é uma estratégia que inspira sensação de segurança nessas pessoas, porém vem acompanhada do prejuízo de perderem final da aula, correções de exercícios, tema e recomendações para a próxima aula.

5 REFLEXÕES

Ao finalizar este trabalho e tendo em vista a análise dos dados coletados com algumas professoras e alunas da escola pesquisada, que teve como ponto de partida observações e práticas pedagógicas que constam no diário de campo e inspiraram o objetivo, o problema e o entusiasmo que sustentou esta atuação, pode-se finalmente chegar a alguma ideia que responda à pergunta que inspirou esta pesquisa: como o medo afeta o desempenho de professores e alunos da EJA de acordo com suas próprias perspectivas?

Surgiu então a hipótese de que o medo pode realmente atrapalhar tanto os trabalhos de professores e professoras como o aprendizado de alunos e alunas.

Já diante das análises das primeiras respostas apresentadas foi possível constatar que os medos estão presentes praticamente o tempo todo entre as pessoas que frequentam a escola referida, com diferentes graus de possíveis consequências como desempenho, atitudes, assimilação, assiduidade e permanência ou não nas aulas.

Embora esta pesquisa precisasse de mais tempo para um aprofundamento ao tema, o que traria argumentos mais variados para fundamentar várias outras questões, pode-se considerar que com o obtido já é possível confirmar a hipótese levantada, chegando-se à afirmação que sim, o medo pode ocasionar danos importantes e talvez permanentes em professores e alunos da EJA, em particular nos frequentadores do turno da noite, obrigando alguns deles a períodos de afastamento ou até de desistência das aulas.

Ficou bastante evidente que a violência é ponto convergente, latente e relevante nas questões do medo encontrado neste estudo. É frustrante poder somente enfrentar essa complexa questão com movimentos paliativos feitos na tentativa de minimizar a situação. No entanto, as sugestões da comunidade escolar não podem ser descartadas. Desse modo, fica sugerido

o incentivo de que sejam convocados alunos e funcionários para reuniões com professores e direção da escola para juntos articularem soluções.

Ainda sobre a questão da violência, entende-se que o deslocamento dos idosos à noite é sempre uma questão preocupante, ao contrário dos jovens que possuem hábito do divertimento noturno. Os idosos merecem atenção especial e o oferecimento de turmas durante o dia. Talvez assim diminuísse a evasão de quem tem mais idade.

Deixando de lado a problemática da violência, o estudo mostrou ainda que é possível avançar nas questões dos demais medos identificados. As questões do medo de avançar nas Totalidades, de não aprender, de não desenvolver todas as potencialidades podem ser aprofundadas e fazer com que o prazer em aprender e a alegria em frequentar a escola suplantem todas as outras adversidades.

Uma das dificuldades na elaboração deste trabalho, além do curto espaço de tempo, foi encontrar informações, trabalhos e obras para fundamentar direções e conclusões que poderiam trazer maior embasamento ao estudo. Parece que o medo dos professores e alunos da EJA das escolas públicas noturnas não é suficientemente visível para despertar interesse em intelectuais e pesquisadores.

Então fica o desafio de que esta pequena contribuição se transforme em inspiração para outras pesquisas sobre os medos recorrentes em espaços escolares em escolas que atendem pessoas de classes populares, proporcionando, quem sabe, outras conclusões, reflexões e até descobertas de soluções para amenizar as consequências diversas que podem estar atormentando este público.

“O medo de quem navega é a terra firme.”
(Amyr Klink, in Villamarín, 2002).

REFERÊNCIAS

- CORRÊA, Oscar Ramos. **Fundamentos metodológicos em EJA I**. IESDE Brasil, Curitiba, 2009. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=83gGc1F-3r8C&pg=PT33&lpg=PT33&dq=O+que+%C3%A9+Totalidades+do+Conhecimento+das+escolas+municipais+de+porto+alegre,+rs&source=bl&ots=YBbDz-33dj&sig=D-TJmJKPX0_UAmRIDUcTvbEcSaA&hl=ptBR&sa=X&ved=0CDsQ6AEwBWoVChMlpoK9pOz0yAIVRYSQCh3oCAHo#v=onepage&q=O%20que%20%C3%A9%20Totalidades%20do%20Conhecimento%20das%20escolas%20municipais%20de%20porto%20alegre%20rs&f=false> Acesso em 03/11/2015.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 47ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia, o Cotidiano do Professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- GOMES, Angela F.S. *et al.* **Refletindo sobre a vulnerabilidade social e a evasão escolar na Educação de Jovens e Adultos in:** RIGO, Kelen e ZORZI, Fernanda (Org.). **PROEJA FIC tecendo novos caminhos para a educação de jovens e adultos no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: CORAG, 2013.
- HADDAD, Sérgio. **Ensino supletivo no Brasil**. O estado da Arte. REDUC, Brasília, 1987.
- MEZACASA, Eleonor M. Ferronato *et al.* **Trabalhando o Universo de Jovens e Adultos na EJA e PROEJA FIC in:** RIGO, Kelen e ZORZI, Fernanda (Org.). **PROEJA FIC tecendo novos caminhos para a educação de jovens e adultos no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: CORAG, 2013.
- MARTINS, Luísa. Profissão Persistência, **ZERO HORA**, Porto Alegre, 18/10/2015.
- SILVA, Pedro Da. Medo. Disponível em: <<https://www.facebook.com/pedro.dasilva.1029?fref=ts>> Acesso em 25/09/2015.
- STRELHOW, Thyeles Borcarte. *Breve História Sobre a Educação de Jovens e Adultos no Brasil*. **Revista Histedbre** On-line, n.38, Campinas, 2010. Disponível em:

<http://uab.ufac.br/moodle/pluginfile.php/14242/mod_resource/content/1/Caejadis%20%20Texto%201%20%28Breve%20histu00F3ria%20da%20EJA%20no%20Brasil%29.pdf> Acesso em 03/11/2015.

SCHIAVONI, Eduardo. *"Nunca apanhei tanto na vida", diz professora que denunciou aluna por surra*. **Uol Notícias**.

Disponível em:

<<http://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/educacao/2015/11/18/nunca-apanhei-tanto-na-vida-diz-professora-que-denunciou-aluna-por-surra.htm>> Acesso em 28/11/2015.

VILLAMARÍN, Alberto J. G. **Citações da Cultura Universal**. Porto Alegre: AGE, 2002.

ZANELLA, Ana Maria *et al.* *A problemática da "evasão" escolar dos alunos do PROEJA FIC na E.M.E.F. Leopoldina Vêras da Silveira* in: RIGO, Kelen e ZORZI, Fernanda (Org.). **PROEJA FIC tecendo novos caminhos para a educação de jovens e adultos no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: CORAG, 2013.

APÊNDICE

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

O presente trabalho tem como objetivo elaborar pesquisa, buscando uma maior compreensão sobre o medo na escola.

Este trabalho tem como responsável Sara Maria Saraiva, acadêmica do Curso de Pedagogia 2015, sob a orientação da Professora Dra. Tania Beatriz Iwaszko Marques, do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A pesquisadora se compromete a esclarecer adequadamente qualquer dúvida ou necessidade de informações que o participante venha a ter e assume o compromisso de que a participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo aos envolvidos.

A pesquisadora compromete-se a respeitar os valores éticos que permeiam este tipo de trabalho e garante que os dados e resultados individuais estão sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos participantes em nenhuma apresentação oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado.

Após ter sido devidamente informado/a de todos os aspectos da pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas, eu _____, Identidade n.º _____, concordo em participar desta pesquisa.

Assinatura da entrevistada

Assinatura da pesquisadora

Data: _____

Nome:
Telefone:
e-mail: